



# MOBY PORCELAIN

MEMÓRIAS



**MOBY**  
**PORCELAIN**



# MOBY PORCELAIN

MEMÓRIAS

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © 2016 by Moby Entertainment, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Porcelain

REVISÃO

Isabela Fraga  
Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Márcia Quintella

FOTO DE CAPA

Frente: Matthias Clamer/Corbis Outline/Latinstock  
Quarta capa: Julie Hermelin

DESIGN DE CAPA

Darren Haggar

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M684p

Moby (Richard Melville Hall), 1965-

Porcelain / Moby ; tradução Alexandre Raposo. - 1. ed. - Rio  
de Janeiro : Intrínseca, 2016.

416 p. ; il. ; 23 cm.

Tradução de: Porcelain

ISBN 978-85-8057-925-3

1. Moby, 1965-. 2. Músicos de rock - Estados Unidos - Biografia.  
I. Título.

16-30667

CDD: 927.824166

CDU: 929:78.067.26

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

# SUMÁRIO

---

## PRÓLOGO

### ESTACIONAMENTO, 1976

O FUTURO	11
----------	----

---

## PARTE UM

### MECA SUJA, 1989-1990

1. NOVE METROS QUADRADOS	17
2. BISCOITOS VEGANOS	28
3. MOVIMENTOS NOTURNOS	36
4. MÃOS PARA CIMA	43
5. BECO CHEIO DE LIXO	49
6. BALDE DE PELE DE CABRA	53
7. JOGO DA VELHA COM UM FRANGO	63
8. CONDUTOR DO TREM L	68
9. LUZ DE SÓDIO LARANJA	72
10. MOEDAS NAS AGULHAS	80
11. RODAS DE SKATE ENSANGUENTADAS	85

12. MEIAS MOLHADAS NO AQUECEDOR	94
13. MARCADOR PRETO BORRADO	101

---

**PARTE DOIS**

**MOBY GO!,  
1990-1992**

14. INHAMES	115
15. BRAÇOS CRUZADOS	121
16. RÁDIO PRATEADO	129
17. LACA PRETA	137
18. PAPINHA DE BEBÊ	145
19. CHAVEIRO GIGANTE	152
20. FINAS CORTINAS CINZA	158
21. COLCHA FLORAL MARROM	170
22. LUZES ATRAVÉS DAS ÁRVORES	177
23. CAPACETE AMARELO	183
24. TRILHÕES DE QUILOMETROS	191

---

**PARTE TRÊS**

**DISTORÇÃO,  
1992-1995**

25. PUFES	201
26. PISTA DE DANÇA DE COMPENSADO	210
27. QUEIMADURA DE SOL	215
28. ESTROBOSCÓPIOS MONOCROMÁTICOS	221



29. MOITA DE ZIMBRO	227
30. LIVRO DE BIOLOGIA	232
31. FIO DENTAL	241
32. LEMON ZINGER	245
33. FENDAS DAS TÁBUAS CORRIDAS	252
34. PARTÍCULAS DE POEIRA	260
35. COBRAS EM GAIOLAS	264

---

**PARTE QUATRO**

## ENTUSIASTA DO ÁLCOOL, 1995-1997

36. MILHARES DE JAQUETAS DE COURO	271
37. UM MULLET DO TAMANHO DE UM POODLE	277
38. CASACO VERDE-NÉON DE MUPPET MONSTRO	284
39. FORMIGAS E UNHA DE POLEGARES	295
40. COLLANT DE PVC	301
41. LUZES COR-DE-ROSA	305
42. SUÉTER MOLHADO	310
43. CANAVIAIS	318
44. ESPUMA ACÚSTICA	326
45. CHEETOS NO CHÃO DO CASSINO	331
46. CASACO LARANJA	336
47. CONDENSAÇÃO EM VIDRO GELADO	343
48. ÁGUA ESCURA	352
49. MEIO METRO DE LAMA	358
50. ÁGUA VERDE ESTAGNADA	363

O PROGRESSO DAS RAVES,  
1997-1999

51. CARVALHOS	373
52. FESTA DE CASAMENTO	379
53. CHUVA NAS CLARABOIAS	385
54. QUARTO SEM JANELAS	390
55. CADEIRA COM MARCAS DE CIGARRO	396
56. POÇAS DE NEVE DERRETIDA	399
57. CAMRY BEGE	403
POSFÁCIO	413
CRÉDITOS DAS IMAGENS	415

---

**PRÓLOGO**

# ESTACIONAMIENTO, 1976



## O FUTURO

Todas as lojas do Dock Shopping, em Stratford, Connecticut, já haviam fechado, com exceção da lavanderia Fresh-n-Kleen. Minha mãe estava lá dentro, vestida com calças jeans e um pesado casaco marrom que comprara por 5 dólares no Exército da Salvação. Ela estava junto a um balcão de linóleo rachado sob luzes fluorescentes cintilantes, fumando um cigarro Winston e dobrando roupas. Algumas eram nossas, outras pertenciam aos vizinhos, que às vezes nos pagavam para lavar e dobrar suas roupas. Naquela noite de março, as lojas estavam às escuras; o estacionamento se encontrava vazio, com exceção de nosso Chevy Vega prata e um outro carro. O frio era úmido e intenso, e os amontoados de neve nos cantos do estacionamento estavam acinzentadas e derretiam com a chuva.

A cada duas semanas, lá estava eu no Dock, lavando roupa com minha mãe. Eu a ajudava ou apenas ficava sentado nas cadeiras de fibra de vidro da lavanderia, observando as secadoras gigantes girarem à sua maneira rápida e irregular. Minha mãe estava desempregada havia mais de um ano, e seu último relacionamento terminara quando o namorado tentou matá-la a facadas. Às vezes eu a via chorando enquanto dobrava as roupas dos vizinhos. Ela as dobrava furiosamente, um cigarro alojado no canto da boca, lágrimas caindo nas camisetas dos vizinhos. Eu tinha dez anos.

Após ajudá-la a separar a roupa, eu geralmente saía e dava uma volta no estacionamento vazio. Ia até os fundos do shopping, depois da área de carga

e das grandes lixeiras enferrujadas, e caminhava até o cais em ruínas que dava nome ao lugar. O cais era preto e degradado — em algum momento tivera sua utilidade, mas agora só repousava, estoico e resignado, no escuro rio Housatonic. Às vezes, quando eu dava sorte, via gigantescos ratões-d'água entrando e saindo de buracos na lama.

Aquela noite de março de 1976 estava fria e chuvosa demais para explorações, e a lavanderia estava impregnada de fumaça de cigarro. Ficar sentado junto às máquinas de lavar na cadeira gelada de fibra de vidro, vendo minha mãe fumando, dobrando roupas e chorando fazia a nossa pobreza parecer ainda pior. Então passei a noite no carro, encolhido em meu casaco molhado de brechó, mexendo no rádio. A chuva provocava um rufo constante no teto do Vega enquanto eu rodava o sintonizador do rádio AM para lá e para cá.

Eu não era exigente quando o assunto era música: se tocava no rádio, eu adorava. Supunha que pessoas que tocavam no rádio sabiam exatamente o que estavam fazendo e em hipótese alguma escolheriam uma música que não fosse perfeita. Toda semana eu ouvia a contagem regressiva do *American Top 40*, de Casey Kasem, e decorava as canções que ele tocava. Eu não tinha favoritos: adorava todos, igual e religiosamente, dos Eagles ao ABBA, de Bob Seger a Barry White, de Paul McCartney ao Wings. Eu simplesmente aceitava que toda música tocada no rádio era digna de minha completa e exclusiva adoração.

Meu jeans molhado da Wrangler estava grudando no assento de vinil do carro gelado, mas ouvi tudo o que tocou no rádio, feliz da vida. Era a época da disco music, do rock, do country rock, do rock progressivo, do yacht rock e das baladas. O Led Zeppelin coexistia tranquilamente com Donna Summer, e o Aerosmith convivia em paz com Elton John. Então ouvi algo novo: “Love Hangover”, de Diana Ross. Eu conhecia a disco music, embora não pensasse naquilo como algo distinto dos outros tipos de música que tocavam nas rádios AM. Mas “Love Hangover” era diferente. A abertura era lânguida — sobrenatural e sedutora —, e aquilo me assustou.

Qualquer coisa relacionada a sexo ou a sensualidade me apavorava e me fazia querer assistir a desenhos animados da Looney Tunes. Sempre que via TV com minha mãe e os personagens das séries *Maude* ou *O Barco do Amor* insinuavam sexo ou intimidade, eu congelava e esperava em silêncio que a cena terminasse.

Mas “Love Hangover” era diferente. Para começo de conversa, estava tocando no rádio, então ela tinha que ser boa. Além disso, soava futurista. Na época, eu era obcecado por *Jornada nas Estrelas* e *Space: 1999* e amava tudo o que era futurista. O futuro era limpo, interessante e não envolvia mãos tristes fumando cigarros Winston em lavanderias. Desse modo, mesmo sabendo que a música falava sobre sexo, ouvi “Love Hangover” do começo ao fim. Era uma canção futurista no rádio, e o rádio e o futuro nunca haviam me traído.

Fiquei sentado observando as luzes borradas da lavanderia através do para-brisa com filetes de chuva, aceitando aos poucos o fato de que aquela música me deixava desconfortável embora eu a adorasse. Ela representava um mundo que eu não conhecia, o oposto de onde eu estava — e eu odiava o lugar onde estava. Eu odiava a pobreza, a fumaça de cigarro, as drogas, o constrangimento, a solidão. E Diana Ross estava me jurando que existia um mundo que não era maculado pela tristeza e pela resignação. Em algum lugar havia um mundo que era sensual, robótico e hipnótico. E limpo.

Sentado no Chevy Vega da minha mãe, imaginei uma cidade reluzente, a uma vida inteira de distância daquele estacionamento. Eu podia ver as pessoas se deslocando confiantes por aquela cidade reluzente, caminhando entre altos edifícios com janelas de vidro gigantescas voltadas para boates e bases espaciais. Enquanto ouvia o frenético encerramento de “Love Hangover”, eu imaginava as pessoas dançando, todas vestidas de branco e parecendo anjos robóticos.

A música terminou. Desliguei o rádio. Saí do carro na chuva e olhei para o estacionamento — vazio, exceto pelas poças de neve derretida — que se estendia até o rio. Por uma janela, vi minha mãe fumando e dobrando roupas, e, de algum modo, me senti capaz de suportar aquilo. Havia vida além daquele shopping frio e acabado. A semente fora plantada e estava delicadamente codificada em algum lugar de meu DNA. Uma música disco em uma rádio AM me dera um vislumbre de esperança: algum dia eu deixaria aqueles subúrbios mortos e encontraria uma cidade onde pudesse entrar em um útero. Um útero disco no qual as pessoas me deixariam ingressar e ouvir sua música futurista. Imaginei-me abrindo as portas de uma boate no topo do edifício mais alto do mundo e vendo milhares de pessoas sorrindo para mim e me dando boas-vindas.





---

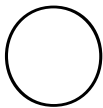
**PARTE UM**

# MECA SUJA

## 1989-1990



## NOVE METROS QUADRADOS

 Os galos finalmente se calaram às sete da manhã. Havia quatro sons recorrentes ao redor da fábrica abandonada onde eu morava, a uns dois quilômetros ao sul da estação de trem de Stamford.

1. Tiros. Os traficantes de crack viviam atirando uns nos outros e em geral começavam após o pôr do sol.
2. Música gospel amplificada. Todo fim de semana havia grandes tendas de renovação montadas nas proximidades da entrada das igrejas dominicana e jamaicana, numa tentativa de fazer com que os traficantes de crack deixassem o bairro.
3. Public Enemy. Ou EPMD. Ou Rob Base e DJ E-Z Rock. A cada quinze minutos, um carro passava tocando “Fight the Power” ou “It Takes Two” em um volume que fazia o forno elétrico chacoalhar.
4. Galos. Todo mundo que morava na rua em frente à fábrica abandonada criava galos em seus quintais. Os galos começavam a cantar por volta das 4h30, exatamente quando eu tentava ir para a cama. Eu tinha um rádio velho ao lado da cama e o sintonizava fora de qualquer estação quando queria dormir. A estática mal mascarava os *staccatos* matutinos daqueles galos movidos a testosterona do outro lado da rua.

Eu me mudara para aquela fábrica abandonada havia dois anos e adorava morar ali. No século XIX, o lugar tinha sido uma imensa fábrica de fechaduras, que compreendia vinte ou trinta gigantescos edifícios de tijolos. Em 1989, era uma enorme massa escura e grandalhona em um bairro famoso por ter a maior taxa de homicídios da Nova Inglaterra. Dez anos antes, um empreendedor imobiliário comprara todo o complexo, instalara uma cerca e contratara seguranças para cuidar da propriedade.

Alguns guardas ganhavam um dinheiro extra cobrando 50 dólares por mês para que posseiros e outras pessoas aleatórias pudessem morar ou trabalhar ilegalmente na fábrica abandonada. Eu ganhava cerca de 5 mil dólares por ano, então pagar 50 dólares por mês por um “aluguel de posse” cabia no meu orçamento. Meu espaço era pequeno e imprensado entre um estúdio de filmes pornô gays e o ateliê de um artista, mas era todo meu: nove metros quadrados de fábrica abandonada onde eu podia viver e trabalhar, desde que os seguranças levassem seus 50 dólares para fazerem vista grossa.

As paredes eram feitas de madeira compensada que eu e meu amigo Paul encontramos em uma lixeira. Paul e eu tínhamos frequentado a Darien High School, onde nos tornamos amigos por amarmos ficção científica e sermos as únicas crianças pobres em Darien, Connecticut. As paredes do estúdio de nove metros quadrados pareciam uma colcha de retalhos de madeira marrom — e no calor do verão cheiravam como a lixeira onde foram encontradas. Meu espaço tinha uma porta maciça e muito bonita, retirada de uma casa abandonada perto da rota 7, em Norwalk, e o chão era todo coberto por um belo e espesso tapete cor de marfim que eu pegara na garagem dos pais de um amigo. Ninguém havia me autorizado a pegar o tapete, mas eu disse para mim mesmo que estava tudo bem, já que o devolveria caso eles dessem falta. Apesar de eu nunca ter limpado aquele tapete, ele se mantinha inacreditavelmente imaculado.

Eu tinha uma pequena escrivaninha escolar marrom para apoiar meu teclado Casio, minha bateria eletrônica e meu sequenciador Alesis, meu mixer TASCAM de quatro faixas e um terrível sampler Yamaha. Eu não tinha dinheiro para comprar caixas de som, então ouvia tudo em fones de ouvido da RadioShack. Preparava minhas refeições num forno elétrico e num minifogão elétrico de uma boca. E era feliz. Adorava os tijolos despedaçados, o peso olfativo de um século de diferentes aromas de fábrica, e adorava minha enorme

janela voltada para o sul, que deixava entrar uma luz pálida no inverno e uma luz abrasadora no verão.

Havia mais de noventa mil metros quadrados de espaço no complexo — o lugar era tão grande que eu não fazia ideia de quantas pessoas moravam ali —, e, embora só ocupasse nove daqueles metros quadrados, eu tinha livre acesso ao lugar todo. Eu percorria os andares vazios da fábrica com a motocicleta do meu amigo Jamie e às vezes jogava “boliche de moto”: posicionava garrafas no chão em algum canto da fábrica e tentava derrubá-las com as rodas do veículo. Quando ficava entediado, eu saía para explorar: encontrava antigos botijões de propano, barris de produtos químicos industriais, enormes chaves de porca enferrujadas, carretéis de cabos de aço e, vez por outra, pombos mortos.

Sempre que me visitavam, amigos e familiares ficavam consternados. Meu primo Ben, de cinco anos, que foi me visitar com minha tia Anne, parou em frente à porta daquele cubículo e declarou: “Este lugar é horrível.” Eu fedia como um sem-teto, porque, embora tivesse uma quase residência, na prática eu era um sem-teto. Não tinha água corrente, banheiro nem aquecimento, mas havia eletricidade grátis, que era a única coisa de que precisava para fazer música.

Quando queria fazer xixi, eu usava uma garrafa de água vazia. Como não havia banheiro, tomava banho apenas uma vez por semana. Se visitasse minha mãe ou o dormitório de minha namorada, eu usava o chuveiro lá. Em geral eu fedia, mas tinha parado de me indignar comigo mesmo. Eu adorava a minha vida na fábrica abandonada.

Bem, nem tudo. Eu não gostava do fato de estar trabalhando com música havia anos e ainda morar em uma cidadezinha a 65 quilômetros de Nova York. Não gostava do fato de nenhuma gravadora ter demonstrado interesse pela minha música eletrônica, ou do fato de eu nunca ter tocado para alguém além da minha namorada. Entretanto, afora meu desejo de viver e fazer música em Lower Manhattan, a fábrica abandonada era perfeita.

Na maioria das vezes, eu acordava ao meio-dia, preparava aveia no fogão elétrico, lia a Bíblia e trabalhava com música. Quando fazia uma pausa, andava de skate para cima e para baixo nos longos e vazios corredores da fábrica ou caminhava até o mercadinho dominicano local para comprar aveia e passas.

Naquele dia, porém, eu estava a caminho de Nova York, minha meca suja. Havia várias maneiras de se chegar à cidade. Às vezes eu montava em meu velho ciclomotor e ia até Darien, onde minha mãe morava, e pegava seu velho Chevette emprestado. Eu dirigia até a cidade, seguindo o trajeto que aprendera com meu avô quando tinha oito anos: ele me ensinou a entrar na cidade sem pagar pedágio, embora aquilo significasse dirigir pelas áreas de Nova York mais assoladas pelas drogas e pela criminalidade.

Às vezes, eu encontrava alguém que já estava indo de carro para a cidade e pegava uma carona. Mas geralmente eu pegava o Metro-North, um trem que ligava Nova York aos subúrbios. Passei a infância fugindo de Connecticut para Manhattan pelo Metro-North. Meus amigos punks e eu vestíamos nossas melhores camisetas de punk rock e íamos até a cidade, esperando que punks de verdade reparassem em nós e aprovassem nossas camisetas do Black Flag e do Bad Brains. Pela manhã, íamos até a Grand Central Terminal, nos sentávamos ao lado de executivos brancos sonolentos e voltávamos para casa à noite, sentados ao lado daqueles mesmos executivos brancos, que agora estavam bêbados e exaustos.

Se a polícia estivesse por perto quando eu saía da fábrica, eu escapava por uma das enormes janelas de vidro e aço para evitar ser visto pelos policiais. Naquele dia, porém, havia apenas um caminhão em ponto morto no fim da rua, então saí pela porta dos fundos abraçando meu corpo devido ao frio. Não era um frio seco. Era um frio úmido que pesava em minhas meias e fazia meus ossos doerem. Nevara três dias antes, cobrindo o chão com uma manta pura e angelical que foi logo arruinada pela chuva gelada. Caminhei sob o céu acinzentado pelo asfalto rachado e esburacado do estacionamento, abrindo caminho em um labirinto de poças d'água. Ao chegar à cerca de arame, saí por uma abertura no canto e segui até a estação ferroviária de Stamford.

A caminho da estação, passei por algumas igrejas com cartazes pintados à mão, por uma mercearia com vitrine à prova de balas que anunciava uma promoção de Schlitz Malt Liquor, pelo Cavalier Pool Hall, além de alguns prédios fechados e abandonados. Em alguns minutos, minhas mãos e pés já estavam gelados. As poucas pessoas na rua pareciam desabrigadas ou amedrontadas e ficavam perplexas ao ver o garoto branco malvestido que caminhava pelo bairro delas.

Como o próximo trem para a Grand Central só partiria em meia hora, parei no salão de bilhar para jogar sozinho. O lugar era escuro, com algumas luzes fracas sobre as cinco mesas de bilhar. Nem mesmo a luminosidade precária conseguia esconder que o feltro das mesas estava rasgado e surrado por décadas de cigarros queimados e bebidas derramadas. Além de mim havia apenas outra pessoa jogando seu bilhar do meio-dia e o sujeito nos fundos que cobrava 1,50 dólar pelo aluguel do taco e das bolas. Eu costumava parar naquele salão de bilhar a caminho da estação de trem, mesmo sendo um jogador medíocre. O meu consolo era pensar que, caso fosse bom naquilo, acabaria o jogo bem rápido e não poderia jogar por muito tempo. Tal como acontece com tantas outras coisas, havia ali certa utilidade em evitar a excelência.

O salão de bilhar estava sempre repleto de fumaça de cigarro. Aquilo não me surpreendia — eu trabalhava em bares onde todos fumavam e frequentava restaurantes onde todos fumavam. Mesmo sendo não fumante e havendo apenas outros dois seres humanos naquele salão, parecia-me natural o ambiente estar repleto de fumaça. Eu nunca conversava com os outros jogadores nem com o sujeito que alugava tacos e bolas. Eu esperava que, algum dia, um deles me dissesse “Como vai?” ou ao menos acenasse sutilmente para mim, mas eles apenas me toleravam. Afora eu, as únicas pessoas brancas por ali eram jovens suburbanos compradores de crack e heroína. A ironia era que, embora fosse careta, eu era visto como parte do problema: outro garoto branco viciado em drogas arruinando o bairro. Após algum tempo, os moradores perceberam que eu também morava ali, e, ainda que aquilo não tenha me rendido qualquer gesto amigável, ao menos acabou com os olhares hostis.

Terminei meu jogo na esperança de que, se olhasse para mim, um dos outros caras no salão de bilhar acharia que eu era um jogador melhor do que de fato era. Nas raras ocasiões em que conseguia acertar uma caçapa complicada ou matava uma bola alta, erguia a cabeça para ver se alguém tinha notado; nunca notaram. Sendo um garoto branco e magricela, eu era uma anomalia, mas não tão interessante a ponto de realmente justificar a atenção de alguém.

Dei de ombros dentro de meu casaco comprado no brechó, que agora cheirava a fumaça de cigarro e a ovelha molhada, e atravessei os últimos cem metros até a estação de trem. Passei diante de uma igreja onde ocorria uma cerimônia. Ouvi pandeiros, um órgão elétrico e vozes de um coro. Às vezes, aos

domingos, quando as igrejas estavam em pleno funcionamento, eu entrava e me sentava nos fundos. Ou, quando o tempo estava bom e todas as igrejas deixavam as portas abertas, eu andava pela rua e aquilo soava como uma bela Torre de Babel, com todas as igrejas preenchendo a rua com versões rivais do evangelho. Igrejas porto-riquenhas próximas a igrejas abissínicas, bem ao lado de congregações evangélicas e pentecostais, e qualquer outro tipo de igreja que justificasse alugar um estabelecimento e comprar algumas cadeiras dobráveis de plástico. Se eu ficasse ouvindo na porta por muito tempo, a congregação se sentia desconfortável, então eu normalmente ficava ao lado da entrada, ouvindo os órgãos Casio e as vozes alteadas.

Quando entrei no trem, fui logo para o banheiro; no ensino médio eu aprendera que era possível se esconder ali e evitar pagar a tarifa de 5 dólares. Eu estava a caminho de Nova York para deixar em uma boate recém-inaugurada uma fita cassete com um mix feito por mim. Quem me falara sobre aquilo fora minha namorada, Janet, com quem eu estava saindo havia alguns meses. Janet crescera praticando equitação em Greenwich, Connecticut, mas agora morava nos dormitórios de Columbia. Estava no segundo ano de faculdade e fazia estágio na revista *Interview*. Ela parecia Katharine Hepburn na época de *Núpcias de escândalo*, porém seus heróis eram os jornalistas do *Paper* e do *Village Voice*, e ela era obcecada por boates e galerias de arte.

Um jornalista da *Interview* dissera para Janet que uma nova boate chamada Mars estava contratando e que, se eu me apressasse, poderia deixar uma fita por lá. Por isso, no bolso do meu casaco rasgado e molhado havia uma fita cassete de sessenta minutos com as minhas melhores mixagens: hip-hop em um lado, house music no outro. Eu trabalhara naquela fita por dias a fio, mixando grooves em meu gravador de quatro faixas e, em seguida, sobrepondo-os com faixas *a cappella* de obscuros discos de doze polegadas de hip-hop e disco music. Eu queria parecer menos sem-teto do que de costume, então, sob o casaco de segunda mão, trajava minha melhor roupa de boate: camisa de gola alta preta, calças jeans pretas, sapatos pretos, tudo comprado na Goodwill e no Exército da Salvação.

Fiquei sentado no banheiro do Metro-North por 45 minutos, inalando o cheiro de urina e desinfetante e observando a arte que meu amigo Jamie desenhara na capa da fita. Seria legal o bastante? Seria ao menos um pouco legal? Jamie fizera um logotipo para mim, em grafite, com traços elaborados e bordas



serrilhadas. Ele era aspirante a grafiteiro, mas também era um garoto branco de Norwalk, Connecticut, que estudava contabilidade na UConn. Será que alguém perceberia? Talvez o logotipo fosse legal. Eu não fazia ideia.

Eu vinha mandando fitas como aquela para um produtor de rádio na Califórnia. Tinha visto um anúncio em uma revista de DJs: “Procura-se: a sua fita mix para distribuição em rádio NACIONAL.” Liguei para o número anunciado e falei com um sujeito rabugento em Oakland, ouvindo o som de um bebê chorando ao fundo. Ele me disse que poderia fazer minhas mixagens tocarem no rádio, então lhe enviei trinta minutos de mixagens de hip-hop. Não recebi nenhum dinheiro pelo material, e ele nunca me disse se estava sendo tocado, mas continuei enviando, na esperança de que alguém, em algum lugar, estivesse ouvindo.

O trem parou na Grand Central. Saí do banheiro, passei correndo pelos passageiros, atravessei o vasto espaço da estação e entrei no metrô. Quinze minutos mais tarde, depois de pular duas roletas, eu estava correndo pela 14th Street ao longo das calçadas ensanguentadas do Meatpacking District. Corri até a Mars, ofegante de esperança e entusiasmo. A Mars era uma boate instalada em um armazém enorme, sujo e abandonado. Um empresário da vida noturna chamado Rudolf o alugara com a intenção de transformá-lo na maior e melhor boate do planeta. A fachada dava para a West Side Highway, para algumas casas de swing e sadomasoquismo e para o acinzentado rio Hudson. Não havia restaurantes nem bares no Meatpacking District, mas havia uma fila em frente à boate, com centenas de nova-iorquinos descolados na esperança de conseguir um emprego. Fiquei na fila com minha roupa preta de boate, esperando que as outras pessoas não notassem que, na verdade, eu era um garoto branco baixinho e malvestido que morava em uma fábrica abandonada em Connecticut.

Após uma hora de espera chegou a minha vez. No saguão da boate havia três pessoas sentadas atrás de uma grande mesa dobrável, entregando a papelada. Uma delas perguntou:

— Para qual vaga pretende se candidatar? Copeiro, barman, segurança?

— Hum, vocês têm vaga para DJ? — perguntei.

Houve uma pausa, e então todos riram.

— Não, nós não temos vaga para DJ — disse uma mulher com uma tranquilidade desconcertante atrás da mesa.

Era uma afro-americana linda, vestindo um longo casaco preto sobre uma camiseta surrada da banda New York Dolls.

— Yuki já contratou os DJs — explicou.

— Ah. Bem, posso deixar esta fita, então? — perguntei. — É house music em um lado e hip-hop no outro. Talvez você possa entregar para a pessoa que contrata os DJs...

Ela olhou para mim com pena, mas aceitou a fita. Em seguida, voltou-se para a próxima pessoa da fila. Fiquei ali, paralisado.

— Está bem, obrigado — falei, sem receber resposta. — Tudo bem, tchau.

Saí dali correndo e fui até o telefone público da esquina ligar para Janet. Estava quebrado. Fui até o próximo, a um quarteirão de distância. Também estava quebrado. Garoava, eu sentia frio, o céu estava baixo e escuro, e eu acabara de me humilhar diante de uma mulher bonita e descolada no que viria a ser a melhor boate do planeta. Eu tivera a ousadia de sonhar que poderia ser DJ na Mars. Fui um idiota. E, então, lá estava eu, com os pés metidos em uma mistura de sangue de animais e chuva, encarando um telefone público quebrado.

Eu tinha algum dinheiro e caminhei até uma loja de alimentos naturais na 13th Street com a 8th Avenue. Quando saí da fábrica e corri para a cidade, estava muito esperançoso de que enfim conseguiria ser DJ em Nova York. Agora, eu caminhava na chuva, curvado para a frente contra o vento frio, para comprar mantimentos de uns hippies. Comprei leite de soja e pão integral, pulei a roleta do trem F — pensando que F parecia uma nota adequada para aquela viagem a Nova York —, peguei o ônibus para a Grand Central na 42nd Street e me dei ao luxo de comprar uma passagem de volta para Stamford para não ter de viajar sentado no banheiro. No trem, comi pão e bebi leite de soja, olhando de vez em quando para o South Bronx pelas janelas riscadas e outras vezes lendo um exemplar da *New York Rocker* que alguém deixara em um assento.

As bandas na *New York Rocker* tinham contratos com gravadoras e faziam shows. Davam entrevistas. Lançavam discos. As pessoas tiravam fotos delas. Ouviam suas músicas. Era tudo com que eu sonhava. Eu queria tocar para um público de verdade. Queria ser DJ nas pistas escuras e lotadas de Nova York. Mas, na verdade, eu era um músico eletrônico praticamente sem-teto de 23 anos cujo único trabalho era atuar como DJ às segundas-feiras em um

pequeno bar em Port Chester, Nova York, e em uma boate para todas as idades em uma igreja em Greenwich nas noites de sábado.

Quando descii do trem em Stamford a chuva tinha aumentado, então fui correndo de volta para a fábrica. Atravessei um longo corredor até meu minúsculo estúdio e liguei para Janet. Ainda acho espantoso o fato de eu ter um telefone naquela época. Quando me mudei para a fábrica, liguei para a empresa de telefonia para ver se poderia conseguir um telefone. No dia seguinte eles mandaram alguém para fazer a instalação, e cinco minutos após sua chegada eu tinha um telefone funcionando. Ele não me perguntou se eu estava morando ilegalmente na fábrica; apenas mexeu em um fio e instalou uma tomada de telefone. Quando o técnico estava de saída, quase perguntei seu nome para que eu pudesse batizar meu primogênito em sua homenagem.

— Como foi? — perguntou Janet, animada. — Eles contrataram você?

— Bem, havia um monte de pessoas na fila à procura de trabalho, mas deixei uma fita com uma das mulheres responsáveis.

— Ótimo! Como está se sentindo?

— Estou bem — menti.

Conversamos por alguns minutos, fizemos planos para irmos juntos à igreja no domingo e desligamos.

Eu tinha feito tudo o que podia para ser contratado pela Mars. Fora até Nova York na chuva. Deixara para trás uma fita decorada com o que um estudante de contabilidade pensava ser um grafite maneiro. Estava nas mãos de Deus. Bem, não a fita. Eu supunha que a fita estava no lixo, ou na secretária eletrônica de alguém. Mas a situação estava nas mãos de Deus. Então fiz o de sempre: liguei a aparelhagem do meu estúdio e trabalhei na minha música. Produzi house music ambiente e tranquila até a meia-noite, depois tirei os fones de ouvido e desliguei o equipamento. Preparei um pouco de aveia e li um exemplar surrado de *Jornada nas Estrelas* enquanto ouvia uma fita de Debussy.

Sentado junto à minha enorme janela de fábrica, com a chuva batendo contra o vidro e os aquecedores a pleno vapor, eu me senti feliz. Estava sujo e fedia, morava em uma fábrica abandonada em uma cracolândia e aquele dia tinha sido muito decepcionante, mas eu estava calmo e feliz. Às quatro da manhã, fui dormir em minha minúscula cama, ouvindo o barulho da chuva.

Na manhã seguinte, a chuva cessara, mas continuava frio e nublado. Preparei mais aveia em meu fogão elétrico e, em seguida, fui até a despensa pegar

algumas amêndoas e uma laranja. Amêndoas e laranjas eram um luxo, mas o dia anterior fora duro, e eu queria me fazer um agrado. Como estava quase sem água, fui até o mercadinho após o desjejum para comprar duas garrafas grandes de água. Enquanto caminhava de volta à fábrica, notei enormes montes de terra no estacionamento vazio: o que era o início de um projeto de construção se transformara em grandes amontoados de lama.

Quando voltei para o meu estúdio, vi que a secretária eletrônica tinha uma mensagem. Apertei “play”, a fita rebobinou e ouvi a melhor mensagem que alguém já tinha ouvido em toda a história das mensagens telefônicas: “Oi, aqui é Yuki Watanabe, da boate Mars. Estou ligando para falar com o DJ Moby. Ouvi sua fita. Ligue para mim para tratarmos de seu trabalho como DJ na Mars.”

Fiquei paralisado. Toquei a fita outra vez. E mais outra.

Alguém com um forte sotaque japonês chamado Yuki ouvira a minha mix tape, e essa mesma pessoa estava interessada em me chamar para ser DJ na Mars. Ouvi a mensagem mais uma vez para ter certeza de que aquilo era real. E, então, ouvi novamente. E, por via das dúvidas, mais uma vez.

Peguei o telefone, apavorado. Eu tinha de ligar para aquele tal de Yuki e de algum modo convencê-lo a me dar um trabalho de DJ na Mars. Por favor. Era tudo o que podia pedir, para ele ou para Deus. Por favor.

Peguei o telefone com a mão suada. Disquei o número.

— Alô, Yuki Watanabe falando — disse lentamente uma voz retumbante.

— Oi, aqui é o DJ Moby — falei, depressa demais. — Você me ligou a respeito de um trabalho como DJ na Mars?

— Sim, ouvi sua fita. É muito interessante. Você poderia tocar na sexta-feira à noite?

— Sim, posso tocar na sexta à noite.

— Certo, você vai tocar no porão. Das dez da noite às quatro da manhã. Pago 100 dólares.

— Obrigado! Vejo você em breve.

— Certo, DJ Moby.

Desliguei e pensei em Walker Percy. Há uma cena em seu romance *The Moviegoer* na qual o protagonista está em um museu após um acidente. Ele tem um momento de clareza e de repente vê minúsculas partículas de poeira flutuando na luz do sol. Minha vida mudara em uma escala muito maior do

que eu poderia imaginar, e eu via partículas de poeira flutuando na luz invernal que entrava pelas enormes janelas.

Sentei-me no tapete, ainda segurando o telefone, meus neurônios disparando como átomos rodopiantes em um programa de TV sobre ciência. Aquilo realmente tinha acontecido? Será que eu estava alucinando? Será que as antigas emanções de fumaça da fábrica haviam corrompido meu cérebro? Ouvi a mensagem na secretária eletrônica outra vez. Era verdade. Eu tinha sido contratado como DJ no porão da boate mais descolada do planeta.

O mundo à minha volta evaporou. Eu já não via a fábrica abandonada, o telefone nem o céu emoldurado pela janela. Em minha mente eu via o porão da Mars. Imaginei uma sala pintada de preto, com teto rebaixado e um sistema de som perfeito. Um espaço escuro repleto de pessoas diabolicamente descoladas: eu ficaria em uma cabine elevada de DJ, tocando hip-hop e house music.

Liguei para Janet. Ela não estava, mas a secretária eletrônica atendeu. “Janet, você não vai acreditar no que aconteceu”, falei, num impulso. “O Yuki da Mars me ligou. Vou tocar na Mars na sexta-feira à noite. Eu não acredito, eu não acredito. Me liga! Eu não acredito.” E desliguei.

Eu precisava agradecer a Deus, então me ajoelhei no tapete roubado. “Obrigado, Deus”, murmurei. “Obrigado. Isso é tudo. Obrigado.”





**De um dos músicos mais icônicos e fascinantes de nosso tempo, o relato profundamente terno, divertido e angustiante de uma trajetória que parte da pobreza e da alienação até uma vida de beleza, sordidez e o improvável sucesso na cena club de Nova York, no fim da década de 1980 e na década de 1990.**

“Uma carta de amor à caótica Nova York da década de 1990. A escrita de Moby é sincera, autodepreciativa e repleta de uma sagacidade mordaz, e brilha com uma emoção revigorante quando o assunto é música.”

— *Publishers Weekly*

“*Porcelain* é um olhar íntimo de uma vida em movimento. É uma prova de que Moby escreve como toca suas músicas: com paixão, primor e coração.”

— Susan Orlean

“A escrita de Moby é formidável, avivada por um humor impassível e enigmático.”

— Salman Rushdie

“Este é um dos livros mais engraçados e acessíveis que você vai ler sobre um outrora cristão/alcoólatra/vegano/músico eletrônico. Em meio a aventuras e desventuras, festivais dinamarqueses e desastres em Barbados, Moby consegue manter a inocência, a gratidão e o assombro, que, em si, são um verdadeiro presente para o leitor.”

— Dave Eggers

“Brutais, honestas, cruéis e divertidas, as memórias de Moby, tão belamente escritas, são um ato cristalino de bravura.”

— Paul Haggis



ISBN 978-85-8057-925-3



9 788580 579253

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)